

A MALHAÇÃO DO JUDAS

Semana Santa. Feriadão. Não tínhamos aula na quinta e sexta-feira. Se o sol abrisse, praia na certa, todos os dias. Na sexta-feira da Paixão ficávamos um pouco mais contidos. Nossas famílias se reuniam e comíamos peixe, sem muita noção do significado daquela refeição. Mesmo aqueles que já haviam feito a primeira comunhão tinham alguma dificuldade de explicar as razões de não comermos carne. O que importava era o feriado, a possibilidade de brincarmos na nossa amada Rua Barão de Ipanema.

E havia um ritual que era cumprido “religiosamente” todos os anos, no sábado de Aleluia: “a malhação do Judas”. Era uma tradição no Rio de Janeiro malhar o Judas. Confesso que não sei se hoje em dia ainda “malham” o Judas. Talvez porque nossos inimigos atuais sejam mais reais, impossíveis de serem “malhados”.

Tudo começava, evidentemente, pela confecção do boneco. Geralmente era feito de pano, em tamanho natural, com enchimento de papel jornal, além dos braços, pernas e cabeça. Não havia muita preocupação com a estética do boneco, afinal de contas se tratava do Judas e ele merecia era *porrada* mesmo. O interessante nessa tradição é que não se tinha um perfeito entendimento de quem teria sido Judas. Sabia-se que ele tinha traído Jesus, vendido o filho de Deus aos romanos por 30 moedas. Mas quem foi Judas antes da traição? Ninguém sabia. O que queríamos era enfiar o “couro” no Judas.

Sábado de Aleluia, pela manhã, por volta das 10 horas. Lá estávamos todos reunidos, devidamente trajados de sunga de praia. Era chegado o momento. Na verdade era uma verdadeira catarse coletiva. O Judas estava lá, estendido no chão e a *porrada* começava. Todos munidos de pedaços de pau, movidos por um sentimento de raiva, ódio, tentando vingar a morte de Jesus, mas num clima de festa e muita gritaria. Não parecia muito civilizado. A tradição cristã falava mais alto. E a *porrada* continuava. Chutes, pontapés, socos, pauladas, até chegar o momento final. Era chegada a hora de enforcarmos e colocar fogo no boneco. O clímax estava por acontecer. Todos estavam exaustos de tanto bater no boneco. Era hora de acabar com o ritual e definitivamente aliviarmos nossas consciências.

Alguém grita: “vamu enforçar!” E todos concordam aos gritos e com pedaços de pau levantados para o ar. Eram os vingadores. Quase bárbaros, sedentos pela morte definitiva daquele traidor da humanidade. O cadafalso era sempre no mesmo lugar. Um galho de uma das tantas amendoeiras da rua. Aquelas árvores que serviam de sombra, com suas folhas grandes, iriam assistir a mais um enforcamento. É jogada a corda por sobre o galho e, pelo outro lado, fazíamos um nó de enforcado e laçava-se o pescoço do Judas. Feito isso, puxávamos com toda força, a raiva secular que nos guiava. E o boneco com cabeça pendendo para um lado, como um verdadeiro enforcado, estava liquidado. Mereceu a nossa ira. Mas ainda faltava o ato definitivo.

Baixava-se o Judas da árvore. Mais algumas pauladas e alguns pontapés, só pra conferir. Era colocado no chão, estendido, quase destruído. O enchimento começava a sair pra fora e a cabeça pendurada, presa por alguma costura do tecido. A purificação total só era possível com o fogo. O fogo do inferno, que era pra onde certamente imaginávamos que Judas iria, depois de morto. Ateava-se fogo no boneco. As chamas subiam. Nada melhor que o fogo para purificar e expiar nossos pecados. Havia alívio no ar. A certeza do dever cumprido. Enquanto as chamas consumiam aquele pobre boneco de pano, os gritos ecoavam pela Barão. Tudo terminado. Agora era hora de correremos pra praia. Um bom banho de sol e mar, para nos limparmos daquele sangue virtual que cobria nossos corpos. Tudo voltava ao normal. Nem um comentário era feito. Deixamos lá, debaixo daquela árvore, as cinzas do Judas e nosso instinto perverso atávico.

SERGIO SERPA - OUTUBRO/2008